

Elementos de persuasão na narrativa e no discurso da série *Lie to me*

RESUMO

Débora Bortolotti
bortolotti@comunicacao@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Este artigo refere-se à análise de uma cena do episódio da série *Lie to me*. O estudo visa identificar aspectos do discurso, levando em conta o contexto de produção, que determina a forma de comunicação e a narrativa da série. Por meio dos elementos de intencionalidade, repetição e situacionalidade, citadas por Bentes (2001) e Benveniste (1989), é possível perceber como a manipulação da palavra é usada para persuadir. Através do trabalho desenvolvido, pretendeu-se analisar as direções da fala, a arte do discurso e os signos linguísticos, conceito de Saussure (2002), que geram influências externas na linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: *Lie to me*. Linguagem. Discurso. Audiovisual.

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo refere-se à análise do discurso que integra o segundo episódio da primeira temporada da série *Lie To Me*. Especificamente, trata-se de analisar uma cena de aproximadamente dois minutos e meio, cujo enredo aborda a história de uma empresa que, ao ser contratada para detectar mentiras, utiliza-se de recursos como a observação de gestos, expressões corporais e faciais do personagem investigado. O intuito é apontar o modo como a fala desse personagem é apresentada, mensurar a eficácia do discurso utilizado e sua influência para criar a persuasão, decisiva no final do caso apresentado no episódio.

Na atualidade, as séries de ficção veiculadas em plataformas online ganham cada dia mais adeptos e passam a disputar a audiência com produtos de outros meios. Historicamente, a televisão teve como um de seus objetivos preencher uma lacuna deixada pelo cinema no que se refere a ampliar o mercado de trabalho para profissionais da área de entretenimento em audiovisual, tais como diretores, escritores e produtores. Estes, com o surgimento da TV, passaram a apresentar suas ideias com materiais e histórias capazes de prender a curiosidade e atenção das pessoas. O que resultou nas séries de ficção como uma nova maneira de apresentar histórias, em relação aos filmes cinematográficos, por meio de capítulos. Os episódios foram unidos por temporadas, criando-se maior fidelização do público.

Segundo Campos (2007), essa estratégia para cativar o público e o fazer ver o episódio seguinte faz parte de uma técnica chamada *cliffhanger*, usada desde o surgimento dos primeiros seriados e popularizada na primeira metade do século passado – período em que um seriado tinha em média 15 episódios e era praxe um final com o herói em uma situação de risco sem solução. Os seriados televisivos ganharam destaque ainda maior após o amplo investimento do canal de TV HBO (Home Box Office) para produções desse tipo. Assim, em 1997 o canal estreou a primeira série, denominada *Oz* com apelo em simulações da realidade, com cenas de violência e sexo. Houve, então, uma aproximação do telespectador com os personagens da série, enquanto vivenciadores da história.

Para Bakunin (2015), o que se percebe é a absorção da cultura popular direcionada a um fenômeno, pré-formatado justamente para esses fins. Ou seja, por meio de séries o espectador pode se identificar com os personagens de uma maneira direta, experienciar as histórias vividas por eles, o que gera afinidade, entendimento e compartilhamento. Ao mesmo tempo em que as séries causam o desejo nas pessoas – de fazerem parte daquele universo que envolve moda, cenário, luxo, suspense, personagens descoladas e populares, etc. –, essas também instigam pesquisas sobre os temas ali retratados, que envolvem desde abordagens emocionais e do cotidiano, problemas de saúde, conflitos familiares ou sociais, entre tantos outros. Sobre esses temas, são analisadas diferentes maneiras de resolvê-los, sendo aplicadas as soluções por personagens e comportamentos que se configuram como ideais em determinado tipo de situação.

Cria-se então um universo tão complexo entre a ficção, a realidade vivida e a realidade imaginada, que os acontecimentos ocorrem coincidentemente ou até mesmo programados e pensados pelos diretores para aproximar os telespectadores da série e fazê-los permanecer junto com ela, de modo a ampliar a fidelidade do público. Há identidades, personalidades, características fortes e

marcantes em personagens capazes de serem identificadas como características comuns às de quem está assistindo. Ou seja, o roteiro das produções é calculado de maneira minuciosa, para conectar o público com o enredo, realizando a similaridade do imaginário construído (séries) com a vida real.

O uso de efeitos especiais de alto impacto, o que já é possível com todo o acervo tecnológico existente hoje, também é um forte elemento em favor da audiência, para mantê-la cativa. Tais recursos deixam de ser um acessório do cenário e tornam-se algo essencial para a dramaturgia, adquirem o status do impressionante, do quase impossível de se fazer. E quando se atinge esse patamar, uma produção audiovisual incita a pessoa a fixar sua atenção, numa tentativa de descobrir de que forma tal produto é feito, como é possível criar tão bem uma simulação de realidade até então incabível em sets de gravação.

A seguir será feita uma contextualização da série *Lie To Me* para embasar a análise da sequência proposta. O intuito é apresentar as observações realizadas e relacioná-las aos conceitos teóricos levantados, que serviram de bases para o estudo aqui proposto.

A SÉRIE LIE TO ME

Lie To Me, objeto principal do estudo, é uma série criada por Samuel Baum e seus produtores executivos Brian Grazer, David Nevins, Daniel Sackheim, Vahan Moosekian, Shawn Ryan e Daniel Voll. Uma produção da 20th Century FOX Television, do gênero drama, com característica de TV policial violenta, possui classificação etária a partir dos 14 anos. Exibida de 2009 até 2011, dividiu-se em três temporadas: a primeira com 13 episódios, a segunda com 22 e a terceira também com 13 episódios que variam de 43 a 46 minutos cada. Originalmente gravada em inglês, essa série pode ser encontrada atualmente em sites da internet, com legendas em inglês e espanhol. Sua trilha sonora principal é “Brand new day”, música interpretada por Ryan Star, um cantor de rock estadunidense.

A série, que traz investigações de uma equipe formada por especialistas em detectar mentiras, visa apresentar os trabalhos de uma agência, chamada The Lightman Group. É contratada por pessoal, empresas, entidades como FBI e polícia, ou seja, todos aqueles que queiram descobrir uma verdade que alguém possa estar escondendo. O dono dessa agência, Cal Lightman (interpretado por Tim Roth), é um cientista que dedicou sua vida ao estudo do comportamento humano. Além desse personagem, há ainda o pesquisador Eli Locker (interpretado por Brendan Hines) e Ria Torres (interpretada por Monica Raymund), uma mulher com um talento natural para decifrar expressões humanas devido à violência sofrida pelo pai na infância. O elenco se completa com a psicóloga Gillian Foster (interpretada por Kelli Williams), que se torna parceira de Cal no decorrer da série e, por fim, Ben Reynolds (interpretado por Mekhi Phifer), um agente do FBI que dá assistência nas investigações.



Imagem 1: Cartaz oficial da série

Lie To Me é baseada em estudos realizados pelo psicólogo estadunidense Paul Ekman, considerado o maior especialista mundial na análise das emoções e expressões humanas, principalmente em nível facial. Seu trabalho foi motivo de inspiração e realização de diversos outros estudos – além da produção da série – como o livro *Blink*, de Malcolm Gladwell (2005). O psicólogo pesquisou emoções e expressões faciais e gestuais – elementos que funcionaram como objetos principais da série – já que são esses fatores que possibilitam o correto julgamento de casos analisados durante os episódios. Nestes, a todo o momento os personagens da agência referenciam suas observações dos casos trabalhados, apresentando expressões com o mesmo sentimento de outras pessoas conhecidas, como ministros, presidentes, artistas, nomes importantes da história. Ekman comenta sobre seu principal estudo que deu origem ao Lie To Me:

[...] existem poucos estudos que explicam por que as pessoas mentem ou sobre o quão bem eles mentem em diferentes nações do mundo. Eu suspeito que as pessoas mentem sobre as mesmas coisas, como sucesso, relações sexuais e intenções em uma transação de negócios. Tópicos estes que são comuns na maioria das nações industrializadas (EKMAN, apud MARTINI, 2014, online).

Em seu livro *Telling Lies* (1985), Ekman (1985) afirma que Adolf Hitler era um ator natural, pois tinha o dom de mentir com pouca hesitação. Para o autor, esse tipo de pessoa consegue facilmente convencer, fazendo com que o interlocutor acredite na mentira enquanto ainda está sendo contada. Para realização deste artigo, escolhemos o segundo episódio da primeira temporada de Lie To Me, chamado *Moral Waiver* (Renúncia Moral), o qual aborda a história de um oficial do exército (sargento Scott) acusado de estupro. Nele, os personagens Cal e Torres precisam descobrir se essa acusação é realmente verdadeira antes do suposto criminoso ser enviado ao Afeganistão, já que sua presença é essencial para ajudar o pelotão do exército norte-americano a reconhecer o inimigo, de forma única, na fronteira de tal país.

Os minutos analisados, e posteriormente descritos, estão no final do episódio. A cena mostra uma mulher que realmente sofreu o estupro e é posta à prova perante o polígrafo, na presença de um general, do sargento Scott, do acusado e de seu advogado, além de Cal e Foster, membros da The Lightman Group. A

mulher, ex-integrante do exército, provoca preocupação em Scott, ao afirmar que ele ameaçava colocá-la no pelotão de frente, caso não aceitasse o ato (essa afirmação por si só era falsa, contudo devido a uma droga dada por Cal para que a moça se acalmasse ela não foi pega pelo polígrafo, conhecido por apresentar falhas em suas atividades). Essa acusação serviu apenas para deixar o sargento exaltado e levá-lo a confessar o crime real. Por intermédio da arte do discurso e da manipulação de palavras, Cal pergunta se enquanto houve o ato do estupro, ele nunca a colocou no pelotão de frente. O advogado indica ao sargento Scott, seu cliente, não responder, mas devido à raiva da mentira dita pela soldada (ele a estuprava, mas nunca a colocou no pelotão de frente) e aos princípios de repetição, intencionalidade e situacionalidade empregados por Cal, o suspeito acaba afirmando a frase, ou seja, confirmando que houve estupro. Utilizando-se apenas da língua e da escolha correta de palavras, Cal consegue fazer com que o sargento se entregue. A seguir, há uma explicação da importância da língua e todas as possibilidades que ela traz como consequência de seu uso.

O DISCURSO: ELEMENTO FUNDAMENTAL NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Definir exatamente o que é a língua é uma tarefa árdua. Sabe-se que existem muitas funções e definições cabíveis, por exemplo: “é uma convenção social e histórica”; “representa a comunicação entre um determinado grupo”; “possibilita a transmissão de informação”; “possui forte ligação com o léxico, semântico e a gramática” – entre outras frases que poderiam traduzir qual a função da língua na sociedade. A língua é como um sistema, como um sistema de sistemas, como um código autônomo e até autossuficiente (FARACO, 2003, p. 64). De acordo com o autor, a língua é um objeto de estudo extremamente complexo. Ao mesmo tempo em que se apresenta como um sistema autossuficiente, na prática não é tão independente dessa forma: ela é aberta a possibilidades e influências, é fluida e volúvel às influências da bagagem histórica que cada falante carrega. A língua é uma convenção estabelecida entre indivíduos que permite a troca de informações e a comunicação entre pessoas de um mesmo grupo ou sociedade, ela é criada e apenas funciona na coletividade (SAUSSURE, 2002).

Para Saussure (2002, p. 21), há a definição de signos linguísticos comuns que são compartilhados entre as pessoas e é isso que possibilita a comunicação: “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão [...] os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos”. O autor explica ainda que os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro (SAUSSURE, 2002, p. 23). Portanto, a língua representa a fatia social da linguagem, estabelecida por meio de um pacto social entre a comunidade. Para Saussure (2002), o indivíduo falante não tem poder para modificá-la de maneira significativa, porém, em sua restrita esfera de atuação, entre amigos, conhecidos, familiares, regiões de um mesmo país, ou seja, pequenos conglomerados, os falantes podem criar subcódigos, mas todos baseados em um código maior de signos comuns que serve de base para ramificações da língua nativa de determinado local.

ANÁLISE DE SEQUÊNCIA NA SÉRIE LIE TO ME

Abaixo, é feita a inserção da transcrição dos 37min50s aos 39min46s do episódio escolhido para o estudo da série Lie To Me para melhor compreensão da análise textual sobre a fala, realizada posteriormente.

Os personagens que aqui aparecem são: Cal Lightman (o profissional detector de mentiras), Rebecca Metz (a vítima de estupro), sargento Scott (que realizou o estupro), o advogado do sargento Scott e o major Harris (superior do sargento, que precisava saber sobre a realização ou não do crime).

Preparando a soldada (vítima de estupro) para o polígrafo, perguntam a ela se seu nome é Rebecca Metz. Ela afirma que sim e então as perguntas continuam, com o equipamento já funcionando:

- Você é um soldado da primeira classe da Divisão da Montanha?
- (Soldado Metz) Sim.
- Você teve relação com o Sargento Russel Scott?
- (Soldado Metz) Não.
- Soldado Metz, deixe-me refazer a pergunta. Esteve fisicamente envolvida com o Sgt. Scott quando servia no Afeganistão?
- (Soldado Metz) Sim. Ele me forçou a fazer sexo com ele.



Imagem 2: Cena do episódio 2, da 1ª temporada da série

Sargento Scott interrompe e diz: “Nós tivemos um relacionamento!”. As perguntas continuam:

- Ordenou que fizesse sexo com ele?
- (Soldado Metz) Não. Mas ele era o oficial de comando. Não tive escolha.
- Alguma vez se recusou a fazer sexo com ele?
- (Soldado Metz) Sim, uma vez. Ele me forçou a ser guia de direção por uma semana.
- (Sgt. Scott) Isso é mentira!

Então o Major Harris aponta para o computador e pergunta se, caso ela estivesse mentindo, os gráficos ficariam acima da linha vermelha.

- (Cal Lighthman) Sim, a máquina diz que é verdade.

- (Sgt. Scott) Isso não é verdade!
- (Cal Lighthman) O polígrafo diz que é.
- (Sgt. Scott, exaltado) Não ligo para a máquina. Ela está inventando. Nunca a fiz guia de direção!
- (Cal Lighthman) Nunca a fez guia de direção?
- (Sgt. Scott) Não!
- (Cal Lighthman) Pensei que fosse rotação. Nunca a fez guia?
- (Sgt. Scott) Nunca a fiz guia. É mentira.



Imagem 3: Cena da série Lie To Me

Esse é o momento em que o advogado interrompe a favor do cliente e afirma que o sargento não precisa responder: (Cal Lithman): “Enquanto tivesse relações com você ela nunca teria que guiar?”. O sargento fica confuso, olha para os lados, para seu advogado.

- (Cal Lithman) É verdade?
- (Advogado do Sgt): Sgt. Scott?
- (Cal Lithman) É verdade, Sgt. Scott?
- (Advogado do Sgt) Sgt Scott, não!
- (Cal Lithman) É verdade, Sgt. Scott?
- (Advogado do Sgt.) Não tem que responder.
- (Sgt. Scott) É, é verdade.

O advogado abaixa a cabeça, o major Harris olha para o sargento e Cal expressa uma reação de quem acabou de se entregar. Sem entender o que estava acontecendo Scott pergunta:

- O quê? O quê?
- (Cal Lithman) A segurança dela era sua obrigação. Trocou a segurança dela por sexo.
- (Advogado do sargento.) Major Harris, meu cliente não entende...

- (Major Harris) Sim, entende! O que ele fez não foi fraternização. Foi estupro. Prenda-o sob o artigo 120.

- (Soldados) Sim, senhor.



Imagem 4: Cal Lightman (interpretado pelo ator Tim Roth) na série Lie To Me

Ainda indignado e sendo retirado da sala, Scott olha para Cal e diz que o investigador não sabe o que está falando e exclama ser um soldado condecorado: “Não fiz nada de errado”. Cal Lightman responde: “É, parece bom”.

É nítida a importância que a fala de uma pessoa possui em determinados momentos, de acordo com os fatores e as palavras escolhidas. Um discurso pode ter diversas interpretações e refletir-se em muitas outras reações provenientes de quem ouve tal fala. Essa é uma atividade que exterioriza todos os signos compartilhados que foram elaborados na língua. Para Saussure (2002), a língua apenas ocorre na presença de dois indivíduos, que realizam o circuito da fala.

Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um processo fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente físico. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente (SAUSSURE, 2002, p. 19).

É dessa maneira que a comunicação entre os indivíduos acontece: composta por uma parte psíquica, uma fisiológica e outra física, assim as pessoas realizam a fala e conversam entre si. Benveniste (1989) introduziu o conceito de enunciação, a instância mediadora que transforma o psíquico da língua em físico e concreto. A autora afirma que a língua só é possibilitada por meio da enunciação. Para Benveniste (1989), depois da enunciação, “[...] a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

Portanto, a língua se transforma em fala apenas pela possibilidade criada pela enunciação, que permite tal hibridização. O ato de falar consiste em uma atitude única e individual na vida de uma pessoa, guiada por uma base de signos compartilhados denominada língua; cada falante realiza combinações através dos elementos da língua que permitem a ele exprimir seu pensamento e manipular sua fala em determinadas situações (SAUSSURE, 2002).

É nesse sentido que se deu a atitude de Cal nos minutos de confissão do sargento Scott do episódio de *Lie To Me* transcritos anteriormente: ao escolher determinadas palavras, ao repetir alguns termos dentro de determinado contexto e situação em que se encontravam, uma combinação única foi criada e fez com que Scott confessasse o crime realizado. Esse tipo de atitude é tomada também no cotidiano de pessoas de todo o mundo de maneira discreta e quase involuntária.

Benveniste (1989) também explica em sua obra sobre conceitos de produção de um texto oral. Segundo ele, que no momento em que o enunciador se utiliza da língua para influenciar as reações e até mesmo o comportamento do ouvinte (ou alocutário, a pessoa a quem se dirige o ato da fala durante a comunicação verbal), uma variada gama de ferramentas está disponível para que isso seja feito da maneira mais adequada possível.

No caso da cena em análise, Cal realiza muitas vezes a mesma pergunta para o sargento Scott: “a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’ por um processo linguístico, é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Ou seja, o enunciador possui grande influência nesse momento, mas o alocutário também é importante para o rumo que o diálogo seguirá. Ordens, apelos recebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata de enunciador ao outro (BENVENISTE, 1989, p. 86), são características típicas de um discurso interrogativo. Nota-se claramente a presença do vocativo no fragmento de cena analisado.

Assim como esse, a intencionalidade é também um fator muito presente na cena.

A intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir a realidade, realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados a obtenção dos efeitos desejados, contudo esta construção pode ser observada por meio das formas do dizer e não só pelos conteúdos expressivos nos textos (KOCH; TRAVAGLIA, apud BENTES, 2001).

No contexto em que as personagens estavam inseridas, a intenção de Lightman era fazer com que o sargento Scott se autodeclarasse culpado. As palavras utilizadas no momento de provocação foram escolhidas cautelosamente e as expressões faciais e corporais de Cal, o comportamento de Rebecca e todas as pessoas presentes também foram fatores consideráveis, além das palavras, que possibilitaram a declaração do sargento. A intencionalidade está, na maioria das vezes, fortemente atrelada com a informatividade, ou seja, a quantidade de informação selecionada e a maneira com que essa é disposta durante determinado momento (BENTES, 2001). O que também é plausível no momento descrito, uma vez que Cal e sua equipe previamente selecionaram o que Rebecca diria perante o polígrafo.

Outro fator apresentado por Bentes (2001) é a repetição, um elemento crucial para a confissão do sargento Scott. Cal repete diversas vezes a mesma frase interrogativa como maneira de provocação e tentativa de tornar confuso o pensamento e o raciocínio dele, fazendo com que num momento agitado, de muitas emoções e grande pressão, o sargento se exaltasse e confessasse o crime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda essa reflexão e análise acerca de ferramentas que aprimoram o discurso, foi possível perceber que a língua possui infinitas possibilidades e é uma ferramenta extremamente abrangente. Com sua disponibilidade, muitas melhorias surgiram na vida humana. Além de um estudioso e especialista em expressões faciais, Cal é também sábio no campo das palavras e das interpretações.

A criação de textos é uma atividade planejada – existe determinada intenção do escritor ou do falante ao se redigir ou estruturar um texto. O indivíduo projetante do discurso possui atuação direta ao mobilizar termos e objetos específicos dentro de seus conhecimentos linguísticos, usados em uma fala. Portanto, em outras palavras, o sujeito sabe o que faz, como faz e com que propósitos.

Com esse trabalho concluímos como a intenção, a repetição e a situação em que os personagens/pessoas estão inseridos podem influenciar num diálogo e como esse diálogo de confissão foi construído nesse contexto específico. Foi por intermédio de um discurso bem feito e do uso de palavras que, na série, a equipe pôde atingir um ponto tão exato que tornou possível alguém assumir a culpa de um crime, perder seu emprego e credibilidade ao se colocar em posição de quem descumpriu a lei e os direitos humanos. O discurso foi conciso, pressionou o necessário e fez com que, sem muitos esforços, obtivesse o efeito desejado: o reconhecimento do crime, uma manifestação de que a confirmação do que o acusavam era verdadeira.

Foi possível perceber que a questão do discurso foi trabalhada, no episódio, de forma concisa, precisa e direta em um momento bem específico repleto de detalhes. Existindo, então, um contraponto com o momento contemporâneo em que o comum é os detalhes passarem despercebidos pelas pessoas acostumadas com a rapidez, a agilidade e as diversas informações recebidas e repassadas a todos e ao mesmo tempo.

Elements of persuasion in the narrative of the TV series Lie to me

ABSTRACT

This article refers to the analysis of a scene from an episode of the TV series "Lie To Me." The study aims to identify aspects of discourse, taking into account the production context that determines the communication style and narrative of the series. Through the elements of intentionality, repetition, and situationality, as mentioned by Bentes (2001) and Benveniste (1989), it is possible to observe how word manipulation is used for persuasion. The analysis focuses on examining speech directions, the art of discourse, and linguistic signs, a concept from Saussure (2002), which generate external influences on language.

KEYWORDS: Lie to me. Language. Discourse. Audiovisual.

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Guilherme. **Uma introdução a respeito do lugar das séries no século XXI. 2015.** Disponível em: <https://www.cineplayers.com/noticias/series/introducao-respeito-lugar-das-series-seculo-xxi> . Acesso em: 23 de setembro de 2015.

BENTES, Anna Christina. **Linguística Textual.** In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II.** Campinas, Editora Pontes. 1989.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

EKMAN, Paul. **Telling Lies: clues to deceit in the marketplace, politics and marriage.** 3. ed. San Francisco: Paperback, 1985.

FARACO, Carlos Alberto. **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da lingüística.** In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (org.). Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARTINI, Felipe. **Autor dos estudos que baseiam a série Lie To Me, Paul Ekman cita mentirosos famosos: os estudos dele demonstram que diferentes culturas utilizam as mesmas expressões para demonstrar emoção.** 2014. Disponível em: . Acesso em: 18 de novembro de 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2002.

Recebido: 09 jun. 2022.

Aprovado: 16 out. 2023.

DOI: 10.3895/rde.v14n24.15597

Como citar:

BORTOLOTTI, D. Elementos de persuasão na narrativa e no discurso da série Lie To Me. Dito Efeito, Curitiba, v. 14, n. 24, p. 107-118, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

